

## / PALAVRA DO LEITOR

## Terminal de ônibus

Com estimativa preliminar de investimento de até R\$ 120 milhões e potencial de atendimento a cerca de 614 mil pessoas, o futuro Terminal Cristal, na Zona Sul de Porto Alegre, deverá funcionar como um novo eixo de integração do transporte coletivo da Capital (Jornal do Comércio, edição de 05/06/2026). Há muita coisa urgente a ser feita em Porto Alegre. Na saúde, é necessário maior agilidade e mais UPAs 24h. São necessárias obras no sistema de drenagem da cidade, mas a prefeitura prefere investir em um terminal de ônibus que, em experiências anteriores, foi um caos. No terminal na Antônio de Carvalho, as pessoas ficavam se empurrando para entrar no ônibus. A prefeitura não entendeu que não funciona? (Sônia Mantovani)

## Terminal de ônibus II

Por que não compram ônibus novos e aumentam a frota com veículos menores para certos horários? É isso que o transporte coletivo de Porto Alegre precisa. As pessoas estão parando de usar o transporte público porque é sucateado. Linhas como Restinga e Cohab estão sempre lotadas e prejudicando os trabalhadores. (Janice Souza)

## Terminal de ônibus III

Seria interessante um projeto igual ao sistema de transporte existente em Florianópolis, no estilo interterminais (por exemplo, entre Sul-Centro, Leste-Centro como diretas sem parada) e as linhas normais virarem uma espécie de alimentadoras. (Jone Rezer)

## Borges de Medeiros

Na quinta-feira, que foi um feriado religioso na cidade, fui dar uma volta no Centro para ver como estava, eu que moro no bairro Petrópolis. Queria ver a tradicional e histórica avenida Borges de Medeiros, que foi muito bem recuperada. Realmente, toda a avenida está muito bonita e iluminada, melhor do que antes. (Fernando Antônio Ribas, por e-mail)



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

## / ARTIGOS

## Soja: motor da inovação da biotecnologia

Geraldo Berger

A soja RoundupReady, desenvolvida nos anos 1990 para o clima temperado dos EUA, trouxe ao Brasil benefícios importantes, mas parciais. A grande virada ocorreu quando a indústria compreendeu que os desafios tropicais - como a pressão contínua de pragas, plantas daninhas resistentes e sucessão de safras e culturas - exigiam soluções locais. Nascia a Biotecnologia Tropical, pensada para a realidade agrícola implementada no Rio Grande do Sul.

Inovações como a Intacta RR2 PRO e a Intacta 2Xtend uniram a tolerância a herbicidas e a proteção contra lagartas, gerando ganhos econômicos e ambientais reais. Para a safra 2027/28, projeta-se a Intacta 5+, primeira tecnologia global tolerante a cinco herbicidas e com proteção contra nove lagartas, desenvolvida no Brasil e para o Brasil.

Esse ecossistema evoluiu graças a um sólido arcabouço regulatório erguido entre 1995 e 2005, que inclui as Leis de Biossegurança, Patentes, Proteção de Cultivares e Sementes. Juntas, essas normas definiram direitos sobre genes e cultivares, segurança científica e certificação de qualidade. O resultado foi a segurança jurídica necessária para investimentos de longo prazo.

Os impactos são evidentes: o total de cultivares registradas saltou de cerca de 450 antes de

1997 para mais de 4.500 até 2024 - uma expansão de quase 1.000%. A CTNBio aprovou cerca de 150 biotecnologias, e o mercado de sementes de soja foi estimado em R\$ 25 bilhões para 2025 pela consultoria Céleres.

Desenvolver cada nova geração exige de 12 a 15 anos de pesquisa e aportes de centenas de milhões de dólares. Sem proteção à propriedade intelectual, esse ciclo de fomento cessa, prejudicando o agricultor. O desafio atual é preparar o ambiente regulatório para as próximas fronteiras: edição gênica, novos modelos de licenciamento e o combate à pirataria de sementes, que hoje atinge 11% da área plantada.

O Brasil construiu um modelo que funciona. Aperfeiçoá-lo é desejável. Preservar sua essência é indispensável para manter ativo o ciclo virtuoso entre ciência, investimento, inovação e produtividade no campo.

Engenheiro Agrônomo, Ph.D em genética vegetal

O Brasil produziu um modelo que funciona, preservar sua essência é indispensável

## O risco de não mudar quando tudo vai bem

Valdir Neuhaus

Sabe aquela crença das empresas familiares de que o maior risco de todos é errar? Pois é, eu mesmo errei bastante ao longo de trinta anos e aprendi muito com isso. Mas o perigo maior é outro. É aquele erro que não faz barulho, não aparece no balanço e quase não entra na pauta das reuniões: o de não mudar quando a mudança está batendo na porta.

A tradição é uma faca de dois gumes. Pode ser a maior força do seu negócio, mas também sua maior armadilha. Quando ela vira cultura e conhecimento do cliente, é uma vantagem difícil de copiar. O problema é quando vira apego ao passado. Aí, ela paralisa, e uma empresa paralisada não quebra do dia para a noite. Só demora um pouco mais para perceber que ficou para trás.

Depois de três décadas à frente de um negócio familiar, nos demos de cara com esse momento de virada na chegada da segunda geração. Fizemos escolhas que iam contra a maré do varejo, reduzimos o tamanho das lojas, cortamos marcas e focamos em sermos especialistas. Em um mercado onde crescer significava ter o maior espaço, tivemos melhores resultados com menos me-

tros quadrados.

Não é um caminho confortável. Avaliar a própria estrutura exige humildade. Abrir mão das convicções de uma vida inteira é um ato de coragem. E dividir decisões com quem enxerga diferente o negócio pede confiança. Não é sobre os mais novos serem inexperientes ou os mais velhos serem teimosos: é esse choque de ideias que nos tira da zona de conforto e melhora as escolhas.

É aí que a convivência entre gerações vira o nosso maior trunfo. De um lado, você tem a bagagem de décadas, o relacionamento, a intuição, a memória do que deu certo. Do outro, vem um olhar afiado para dados, comportamento e velocidade. Quando a gente junta isso, a empresa ganha algo raro: a capacidade de evoluir sem perder a própria essência.

Isso serve para qualquer área, mas no varejo a necessidade ficou escancarada. O consumidor mudou e continua mudando. Hoje, o que dita a regra do jogo é o bem-estar, o estilo de vida e aquela sensação de que a compra realmente valeu a pena. Saber se adaptar não é mais um diferencial. É questão de sobrevivência.

Com o tempo, entendi uma coisa fundamental: legado não é peça de museu para ficar guardada e intocada. É uma base para nós construirmos o próximo passo. Mudar o que já fez sucesso no passado não é trair a própria história. É a única forma de mantê-la viva.

Presidente do Grupo Cadilê's